



“Outing” fragiliza as vítimas. Consiste em ameaças de denúncia da sua orientação sexual em meio profissional/familiar, por exemplo

Lésbicas são vítimas a dobrar

Violência conjugal entre pessoas do mesmo sexo é problema “invisível”

— CARINA FONSECA
— sociedade@jn.pt

Em Portugal, fala-se pouco de violência conjugal entre pessoas do mesmo sexo e menos ainda quando se trata de lésbicas, as quais são vítimas a dobrar. Quem o diz é Ana Cristina Santos, investigadora do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

“A bibliografia internacional sobre este tema, muitas vezes, identifica o chamado duplo armário, que vitima as mulheres por serem mulheres numa sociedade sexista, patriarcal, e, além disso, as mulheres lésbicas vítimas de violência por serem lésbicas”, explicou a socióloga ao JN, à margem do colóquio “Violência doméstica sobre as mulheres - respostas, dilemas e desafios”, que decorreu em Coimbra.

Ana Cristina Santos lembrou que aquelas mulheres “têm em comum com outras vítimas de violência doméstica o facto de serem abusadas, batidas”, mas vivem numa sociedade que ainda as

➔ Pormenores

O MITO DA RELAÇÃO IDEAL

A teoria de que a relação lésbica é ideal, porque as mulheres não são violentas nem existe desequilíbrio de poder, foi um dos mitos apontados por Helena Topa, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Há violência, sim, e vai desde a chamada “pequena violência” até situações que põem a vida em risco, realçou.

FALTA FORMAÇÃO NA SOCIEDADE

O Estado tem-se empenhado em fazer políticas legislativas e sociais que apoiem as mulheres vítimas de violência doméstica, mas “ainda há falta de formação em diferentes órgãos da sociedade civil e do Estado, nesta matéria”, afirmou a investigadora do CES, Madalena Duarte, ao JN. É uma conclusão do projecto “Trajectórias de esperança: itinerários institucionais de mulheres em situação de violência doméstica”.

discrimina devido à sua orientação sexual: “Apesar de termos um enquadramento jurídico muito avançado, sabemos que as atitudes não mudam por decreto”.

Ameaças de denúncia

De acordo com Ana Cristina Santos, as mulheres lésbicas vítimas de violência estão fragilizadas, também, porque “muitos dos processos de violência simbólica” de que são alvo “passam pelo “outing”, ou seja, por ameaças de denúncia [da sua orientação sexual] em meio profissional ou familiar, ou de denúncia perante as autoridades, com ameaça de retirada de filhos e filhas”. Algo que as “remete ainda mais para o isolamento. Semem-se sem redes de apoio”.

Por isso, “é fundamental que as autoridades, o Estado e as organizações que trabalham estes temas estejam atentos à especificidade de mulheres lésbicas vítimas de violência”, alertou a investigadora, frisando: “O próprio movimento LGBT [lésbico, gay, bissexual e transgénero] tem a obrigação de começar a tratar este tema”.

Além de serem abusadas, como outras vítimas de violência doméstica, são discriminadas

Ana Cristina Santos falava após a sessão “Violência Doméstica e Orientação Sexual”, na qual apresentou um estudo exploratório sobre a violência conjugal entre mulheres, realizado no contexto português, revelador de que fazem uma avaliação negativa, quer do Estado e dos serviços, quer do associativismo LGBT. Neste último, há a “noção de que o tema é tabu internamente, porque vai contra a idealização da relação”. ■